



Gaiato



Quinzenário • 3 de Outubro de 1992 • Ano XLIX — N.º 1267 — Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Cantinho dos Rapazes

Uma carta

NESTES dias em que temos denunciado problemas de desperdício envolvendo alguns de vós em idade já responsável, chegou-nos a carta que aí vai e quero reflectir convosco:

«Caros amigos
Envio cheque de 75.500\$ que é o valor total de um trabalho em part-time que faço depois do meu horário normal de trabalho. Este primeiro cheque que recebo desse trabalho tem pois muito significado para mim, já que representa um número bastante elevado de horas, algumas das quais feitas depois de dias de trabalho muito cansativos.

Não pretendo dar lições a quem quer que seja (quem sou eu para o fazer?) e muito menos a vocês; no entanto, as renúncias a merecidos tempos de descanso que tive de fazer para poder oferecer este cheque, julgo que aumentam a vossa responsabilidade na utilização desta e de todas as ofertas que pro-

vêm de pessoas que precisam de trabalhar para a sobrevivência diária. Tenho plena confiança em vocês e melhor prova não poderia dar. (...) Nem sei porque estou escrevendo isto, já que não era essa a minha intenção inicial, mas, como amigos, espero que me compreendais. Talvez a emoção da entrega da totalidade do meu primeiro

cheque de trabalho pós-laboral me tenha feito mais consciente da responsabilidade que todos temos por aqueles que não são justamente compensados do seu trabalho, para quem 'uma moeda representa tudo quanto têm'.

(...) Termino, pedindo novamente desculpa por alguma coisa que escrevi e não o devia ter feito; mas espero que compreendais que não tive qualquer intenção além de nos ajudarmos mutuamente no enriquecimento pessoal.

Votos sinceros de paz e alegria.»

O teor da carta, o facto de se tratar de um primeiro fruto de trabalho pós-laboral, a «emoção» com tanta simplicidade confessada — sugerem-

-me tratar-se de um jovem que se inicia no mundo do trabalho, de olhos abertos à descoberta das injustiças sociais e sinceramente preocupado com o «enriquecimento pessoal» dele mesmo e de outros como nós, a quem dirige a sua carta e destina a sua renúncia.

Apelo digno

Acho estupendamente digno o seu apelo à «nossa responsabilidade na utilização desta e de todas as ofertas que provêm de pessoas que precisam de trabalhar para a sobrevivência diária» — ele que também se sente crescer na «responsabilidade por aqueles que não são justamente compensados do seu trabalho». Quer para nós o bem que se deseja a si próprio. E porque sabe quanto «é fácil a gente desviar-se do caminho da verdadeira caridade e encontrar desculpas e justificações para isso», lembra «a necessidade de estarmos permanentemente atentos e de nos ajudarmos

Continua na página 3

Benguela

Sabemos o que queremos

— *Que hei-de fazer?* É uma pergunta que faço a mim mesmo e a todos os que estão a caminhar connosco, sempre que me vejo diante do povo que parece viver feliz na miséria.

Não andamos às escuras, entretanto. Sabemos o que queremos. O peso da multidão que não tem nada para viver com um bocadinho de segurança e com dignidade é tamanho que o pouco que fazemos parece nada. Porém, temos que nos precaver contra este perigo, não vá acontecer que o desânimo ou a grandeza do mal nos paralise.

Se damos conta desta situação é para nos empenharmos mais e comprometer a todos os que querem ajudar — mas ainda não se decidiram. Nada de pessimismo nem lamentações!

Esta manhã desceram do morro que fica nas traseiras da nossa Casa do Gaiato, Pobres sem número a buscar farinha de milho, feijão e óleo alimentar. Quem dera não venha longe o dia em que os angolanos dêem de comer aos que precisam com o produto do seu trabalho. Até agora, uma forma de grande pobreza é a dependência total de estranhos em quase todos os campos.

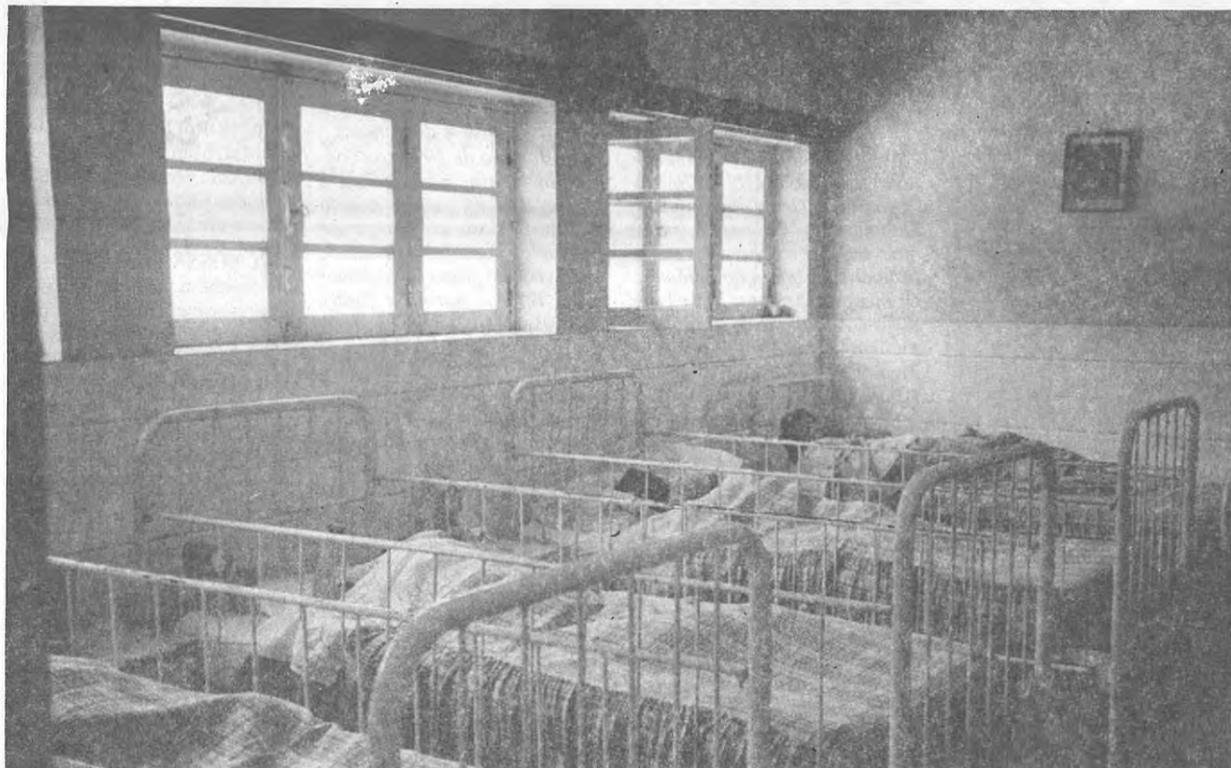
E é aqui que há-de dar-se a nova grande revolução: despertar o povo para a sua

capacidade de viver melhor com seu próprio esforço. Sim, há-de ser pelo sentido da dignidade pessoal e colectiva que a reconstrução nacional de Angola se faz e fará. País tão rico e povo tão bom! Quem te ama o suficiente para te dar a alegria de te ver autenticamente feliz!? Teus filhos e filhas ainda vagueiam por caminhos inseguros como ovelhas sem guia e sem pastor. Andam à deriva buscando o rosto seguro e terno de pais e mães que não conhecem outra cartilha senão a do amor. Só este educa, eleva, dignifica e cria humanidade.

Um símbolo!

Ontem, ao fim da tarde, estava sentado no escritório da casa-mãe da nossa Aldeia a tentar escrever o que estais a ler. Em frente, no largo, passava uma jovem mãe com a menina de seis meses ao colo, de cabeça poisada sobre um dos peitos quase secos. Deu com seus olhos nos meus e quedámo-nos a olhar. Um símbolo! Projecta-nos para o mundo da fatura onde os peitos das mães não têm leite porque elas mataram a vida! E é a morte que reina nesse mundo subvertido.

Continua na página 4



Todos os valores que exprimem e constituem a vida são a razão de ser do nosso Calvário.

TRIBUNA DE COIMBRA

Abrigo Vicentino Padre Américo

HÁ dias, Padre João e eu fomos, mais uma vez, visitar os trabalhos do Abrigo Vicentino. Vão lentamente. São poucos operários e as obras são grandes. Ficaram só as paredes mestras, paredes seculares. Do telhado não se aproveitou nada de nada. As divisões tiveram de ser modificadas. Recentemente, tudo aquilo metia medo.

Agora o aspecto é diferente. O telhado novo dá um sentido novo. As novas divisões hão-de atrair os futuros ocupantes. As velhas paredes começaram a ser rebocadas. Já parece que há vida nova naquela antiga casa em ruínas, onde toda a vida se estava a extinguir.

Aquele prédio foi habitação de muitas centenas de famílias pobres. Recordo a ceguinha que me identificou pela voz: — *Conheço o senhor Padre por falar*

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

«GRANDE ALEGRIA» — Regressados de vasta acção em prol duma instituição de utilidade pública, chega recado de quem precisa de visita e para nos dar, também, uma boa notícia.

A vicentina já lá estivera. Fez o que pôde, pois é um caso que precisa de muita assistência: a velhinha ficou diminuída com recente trombose. Houve, por isso, que procurar quem — do lugarejo — servisse, ao menos, as suas refeições.

Ela é utente, há muitos anos, duma primeira moradia do Património dos Pobres que tem, no cunhal, o nome de conhecido empresário vimaranense, que Deus haja, o qual, naquele tempo, acorreu pressurosamente à chamada de Pai Américo. Esta casa serve, agora, duas Pobres; mas, futuramente, será adaptada para um só agregado.

Batemos à porta, já que a velhinha, mal vira o sol no poente, se recolhera no leito. Abriu-a imediatamente, com expressão de muita alegria: — *Que bom terem vindo...*

De facto, a trombose baralhou a mente da pobre anciã. Por vezes, diz coisas sem nexos: — *Vocês não me tiram daqui, pois não?*

— Esteja descansada!
— *Sabe?, arrecebi uma grande alegria! Vieram aqui dois senhores d'automóvel. Não os conheço. Deixaram ficar sacos de batatas e garrafas d'azeite. As batatas é coisa que não m'alembra! Olhem p'ra isto, tam graúdas!*

Exulta: — *Q'ria que vissem esta beleza!*

— Não sabe quem eles são?
— *Ninguém. Traziam o recado no papel: «Prá pessoa mais pobre do lugar». E foram-se embora. O gosto q'eles me deram!»*

Espírito de partilha! Não quis saborear o óbulo anónimo sozinho, mas partilhar o gesto com os vicentinos(as) que olham pela sua subsistência!

Um domingo cheio. Graças a Deus!

PARTILHA — Vancouver (Canadá), presença da assinante 32217: «*Como de costume, envio esta pequena quantia para que seja entregue a quem mais necessitar. É pouco, mas leva muito amor pelos Pobres.*» Pede uma oração, inclusivé, pelo «*filho, de vinte anos*» e, com «*os olhos na fé, Deus olhe por toda a Juventude.*» O nosso Deus é Pai, sumamente misericordioso!

Cheque, de dois mil, do assinante 9224, de Vila Franca de Xira. Outro, do assinante 3359,

Pelas CASAS DO GAIATO

do Porto, oferta muito assídua «*para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*»; e, com delicadeza d'alma, «*desculpem ser pequenina, mas é do fundo do coração.*»

Assinante 113, também do Porto — comparece há muitos anos — agora com «*uma lembrança*», reforçada, para vários destinos: «*Os casos relatados no nosso O GAIATO tocam-me em cheio no coração.*» Ou não fosse ele, o *Famoso*, a voz dos Sem-Voz!

O filho da «*Avó de Sintra*» cumpre o voto de sua mãe que fez 90 anos e, d'alma cheia, continua a capitalizar no Banco da Providência.

Cinco mil, da Capital, assinante 15544, «*em sufrágio da alma do meu querido marido. Pequena importância que aplicarei como melhor entenderdes, dentro das muitas necessidades daqueles que vos rodeiam.*»

Fecha a procissão aquela Amiga, do Porto, que aparece, sempre, de sorriso nos lábios, espelho do seu coração, do seu amor pela Obra da Rua e pelos Pobres. Pousa breves minutos. Inteira-se de tudo, de todos. E, discretamente, deixa em nossas mãos um óbulo com várias intenções. Deus sabe!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

NOVO ANO LECTIVO — Começou mais um. É bom sabermos ler, escrever, falar bem o Português, estudar o meio ambiente que não está nada bem, etc.

Os estudantes têm que ter gosto de aprender. Passar de classe não depende da sorte, mas da vontade de cada um.

SILAGEM — O milho já foi ceifado e ensilado. Neste momento, falta só metade dum campo. É cereal para secar.

VINDIMAS — As uvas estão prontas a serem vindimadas. Esperamos uma colheita um pouco menor e tempo adequado para o trabalho que é, sempre, uma alegria para todos nós.

OFERTAS — Agradecemos à Nestlé, que ofereceu bastantes e variadas caixas de chocolate. Nem só os «Batatinhas» apreciam o que é doce... Também a nossa gratidão à Longa Vida pelos seus deliciosos iogurtes.

FUTEBOL — Efectuámos vários jogos, no nosso campo, com vitórias para o grupo da casa.

Destacamos a nova formação da equipa, pois o treinador efectuou uma reunião com os atletas dispostos a jogar para defenderem a nossa camisola.

«Vitinho»

DESPORTO — Já referi, n'O GAIATO de 22 de Agosto, o nosso jogo, no Porto, com a equipa da União dos Tarcísios, prélio de apresentação deste grupo aos respectivos sócios. Será em 10 de Outubro, no Pavilhão do Académico, às 16 h.

Recebemos convite para um torneio de futebol juvenil, em Galegos (Penafiel), integrado numa festa da localidade. No ano anterior, ficámos em segundo lugar. Agora, espero que a nossa formação alcance a primeira posição. Boa sorte.

Apelo aos leitores do «Famoso», integrados em equipas de futebol, que, se desejarem defrontar-nos, contactem, via postal, o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa. Ou pelo telefone (055) 752285. Falem com o Lupicínio.

TRIBUNAL — Houxe mais um, em nossa Casa, após o Terço.

O «Bolachinhas», «Doninha» e «Serapicos» tentaram arrombar uma porta, só porque tinham visto uma caixa de sortido do sr. Silva. O caso, entregue ao chefe-maioral, foi posto à comunidade para se atribuir o devido castigo. Ficaram sem sobremesa e ocupados na copa durante um certo tempo.

As portas foram feitas para estarem fechadas e serem abertas, com as respectivas chaves, quando necessário.

Repórter x

Cooperativa de Habitação

Estamos a poucos dias da entrega das chaves de 19 habitações, a outros tantos casais de antigos gaiatos. Um momento histórico para a Obra da Rua.

RETALHOS DE VIDA

BENJAMIM



Sou o Benjamin Augusto Alves, nascido a 1-11-1970, na freguesia de Urrós, concelho de Mogadouro. Os meus pais: Américo de Jesus Alves e Leônida da Conceição Babiano. Os meus três irmãos: Vitor Luís Alves («Andorinha»), Alexandre António Alves («Pica-pau») e Francisco Manuel Alves («Papagaio»).

Durante a minha infância pouco ligava à escola. Só pensava na bola, na brincadeira. Aos oito anos de idade perdi o meu pai, vítima de doença provocada pelo álcool.

Um ano e dois meses depois, fui para a Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, através dum senhor, muito amigo, da minha aldeia, conhecido do nosso Padre Telmo que nos recebeu com muito carinho.

Entre numa vida nova. Fiz o 2.º ano da Telescola. Fui distribuidor d'O GAIATO, durante cinco anos, na cidade Invicta,

Está presente, mais uma vez, o processo educativo que incutiu a seus filhos.

Desde a entrada para as nossas Casas, até à saída para o mundo exterior, a palavra Família faz parte do seu vocabulário na educação dos rapazes. Esse o objectivo de Pai Américo ao abrir as diversas Casas do Gaiato: dar família aos sem família.

O empreendimento de Vales complementa o desejo de Pai Américo: habitação digna para que seja possível uma família digna. Deveria ser também o desejo permanente dos nossos governantes para que o Portugal de amanhã fosse mais justo para os seus filhos.

O grupo de antigos gaiatos que levou avante o projecto de Vales, fê-lo unicamente pensando nos irmãos mais carenciados.

Alguns leitores têm marcado presença a nosso lado, enviando, com muito amor e carinho, ajudas em dinheiro e em selos. Muitos escreveram palavras de incitamento, que nos ajudaram a ultrapassar momentos difíceis,

onde conheci muitos Amigos: na Câmara Municipal, Alfândega, Palácio da Justiça, Bolsa e Banco Espírito Santo. Ainda estive dois anos em Braga e, aí, conheci também muitos Amigos.

Quando tinha dezasseis anos, escolhi o meu futuro. Como o meu pai era electricista, gostaria de o ser. Curiosamente, o chefe da nossa serralharia também é electricista! Escolhi a serralharia e aprendi a arte de serraleiro.

Três anos depois fui aprender o que mais desejava numa empresa, do Porto, de projectos e instalações eléctricas, onde estive três anos e dois meses.

Em Janeiro de 1992 sou convidado, pelo nosso Padre Manuel, a vir para Angola reabrir a Casa do Gaiato de Benguela. Aceitei. No dia 25 de Maio veio um grupo formado por mim, Teresa, Aurora e Padre Manuel. Mais tarde, o João Carlos, o Ricardo e o José de Angola.

A partida, senti um bocado de receio. Nunca viajei para tão longe do meu País. Mas, graças a Deus, tudo correu da melhor maneira. Agora, sinto-me bem cumprindo a minha missão para que outros garotos da rua — como eu na minha infância — possam ter formação e pão para comer. Assim, amanhã, serão eles a ajudar outros na mesma situação.

Um grande abraço para todos os Amigos da Obra da Rua, especialmente para os leitores do Nordeste Transmontano.

Benjamin A. Alves («Rouxinol»)

dadas as dificuldades burocráticas que tivemos de enfrentar.

Neste momento de alegria em que vemos realizado o sonho de alguns, embora com a descrença de outros, não esqueceremos o nosso Padre Manuel, actualmente em terras angolanas, pois na altura do arranque e dadas as dificuldades que apresentámos, fez lembrar Pai Américo: «*Andem prá frente; o dinheiro há-de aparecer.*»

Assim fizemos. Hoje, ao irmos até Vales, olhando aquelas bonitas casas, o nosso coração sente-se feliz e, uma vez mais, somos levados a dizer: — Obrigado Pai Américo.

OFERTAS — Maria de Lourdes, Castelo Branco, 10.000\$00: «*Junto, em cheque, uma pequena quantia que poderá servir para algumas telhas das lindas casinhas da Cooperativa de Habitação. Sinto uma enorme admiração e ternura pela grandiosa Obra da Rua. Que Deus vos abençoe pelo bem que fazem.*»

Maria Elisa, 20.000\$00: «*Quero agradecer o facto de, por vosso intermédio, poder ser útil a alguém. Obrigado.*»

Noémia, Viseu: «*Junto um cheque de 50.000\$00, tentando minorar as dificuldades. Rogo ao Senhor que vos dê saúde e coragem para enfrentarem tanta incompreensão.*»

Selos, de Tiago, Almeirim; de Beatriz; e da assinante 12266. Márcia, de Leiria, enviará uma remessa de selos.

Para todos os Amigos, os nossos agradecimentos.

Carlos Gonçalves

Notícias de Moçambique

GRUPO VIDA — Em 15 de Setembro, o Grupo Vida regressou a Portugal. Esteve, entre nós, durante um mês.

Colaboraram muito nas actividades desenvolvidas em nossa Aldeia: Alfabetização de crianças e adultos, assistência médico-sanitária, nutrição de crianças e velhos, construção de casas, costura, inquéritos; e com muito apoio financeiro, também necessário para se desenvolverem actividades deste tipo. Demonstraram muita força de vontade. Agradecemos a sua preciosa colaboração.

BAPTISMO — Numa terceira fase, em 13 de Setembro, tornaram-se filhos de Deus mais catorze dos nossos rapazes: Telmo, Alfredo, Samuel, Paulo Carlos, João, Horácio, Rui Domingos, Rui Miguel, Francisco, Nelson, Marcos, Fernando, José e o Décio. A nossa família, aos poucos, torna-se verdadeiramente cristã.

A NOSSA FAMÍLIA — Era de esperar o inevitável: cresceu. É impossível fecharmos a porta a situações de desgraça que toparamos. Por isso mesmo, durante estes dias, acolhemos mais alguns, da Rua: O Samuel, já grandito, ajuda o tio Lourenço nos trabalhos de serralharia. O Diogo que estava perdido no hospital, há muito tempo. Hoje, chega o Adriano, de Changalane; e o pequenino João Maria que ganhou este nome, agora mesmo, dia do aniversário do Padre João Maria Seabra, do Grupo Vida.

Entretanto, o nosso Zacarias, pastor das cabras, do qual falámos recentemente, e o Josias,



Obras no refeitório, cozinha e copa da Casa do Gaiato do Tojal (Loures)



chegado há pouco tempo, decidiram regressar novamente para a Rua. Com esta experiência, esperamos que saibam discernir o bem do mal. E, assim, possam optar por viver uma vida sã e em família. Cá os aguardamos de portas abertas.

Carlos Roda

• Vim para Moçambique integrada num Grupo de Jovens voluntários que, através da organização «VIDA», durante um mês, trabalhamos em colaboração com a Casa do Gaiato de Maputo — Massaca 1.

«Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei», disse Jesus. Ao fim deste mês, vejo como consegui seguir o Mandamento da melhor forma que podia.

A coisa mais importante é descobrir que Deus está vivo. Se faz presente na nossa vida de todos os dias; e, apesar de nunca O termos visto, podemos encontrá-Lo nos Outros, em especial nos que precisamos de apoio.

Esta experiência ultrapassou todas as minhas expectativas. Aqui, consegui deitar para trás das costas o egoísmo inerente a todo o ser humano e resolvi dar-me, a mim própria, ao serviço dos Outros. Vivo de uma forma que me enche o coração e a alma.

Em Portugal, sujeita a tantas distrações, não sei viver desta maneira; e, assim, tomei a decisão de passar o próximo ano — e, talvez mais, quem sabe? — aqui em Massaca 1.

Joana Abecasis

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Ai D. Adelaide, não sei o que devo fazer! Veja o que me aconteceu: a minha filha mais velha safu de casa e ainda não voltou. Já telefonei para a tia a perguntar se lá estava, mas não dormiu lá. A mãe diz que não sabe de nada; procurei tudo, aqui em redor, e não há sinais dela. Os meus filhos foram à casa duma senhora que mora já ali e tem um filho de idade da minha filha de 16 anos e ambos escondiam de mim um namorico, mas regressaram sem saber nada; a mãe disse-lhes que ela não estava ali. Já fui à polícia dar conhecimento. Eles registaram tudo.»

Foi assim que o sr. Joaquim nos recebeu. Não tinha a alegria a que nos habituou. Os filhos partilharam a dor do pai; falavam todos rápidos e ao mesmo tempo.

A mãe abandonou a casa e os filhos, e vive com outro homem. A filha foi encontrada pela mãe em casa do rapaz e seguiu rapidamente ao tribunal requerer a posse dos filhos e da casa. O sr. Joaquim tinha ficado com os filhos por decisão do tribunal.

Agora, espera julgamento e a decisão do mesmo. Pouco dissemos perante aqueles olhos ansiosos. Que a Providência Divina esteja presente.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Dois mil escudos de duas irmãs, de Lisboa, para que a senhora Maria não tenha que cortar na mercearia. Dez



O Serginho feliz, na praia de Azurara.

mil, de uma Irmã franciscana regular, para o que acharem de mais urgente. Cinco notas de mil, da assinante 35165, para ajuda das fraldas para o sr. Rogério. Outro tanto de V. N. Gaia, assinante 25422. Para a Conferência S. Francisco de Assis, cinco mil escudos da assinante 26801. «Obrigada pelas palavras que nos enviou.» Anónimo, de Lisboa. «Tantos milhões que se apregoam, tantas despesas supérfluas de governantes e governados. Mas a miséria é invisível, nem convém vê-la, só os olhos da Casa do Gaiato conseguem lobrigá-la.» Cinco mil escudos, «tão pouco para tantas necessidades». Mais outro tanto da assinante 22628. Treze mil, para as fraldas e o que for necessário, anónimo de Castelo Branco. Para a campanha tenha o seu Pobre, dez mil, da assinante 26173. Da rua Campo Alegre, no Porto, treze mil e quinhentos, «para o que julgarem mais conveniente». Duma amiga, de Fiães, dez mil. Outra amiga, da Holanda, a passar uns tempos em Mafra, treze mil.

Um bem haja a todos pela ajuda aos irmãos mais carenciados. Obrigado.

Adelaide e Zé Alves

Cantinho dos Rapazes

Continuação da página 1

mútuamente para não sairmos desse caminho». Este caminho chama-se Justiça; e é no esforço de o percorrermos que nos tornamos justos.

Rapazes: Se nem sempre os dons que nos chegam vêm acompanhados de uma mensagem como esta, a verdade é que a nossa sobrevivência depende do nosso trabalho e da partilha sacrificada e plena de confiança e de amizade de uma multidão imensa «de pessoas que precisam de trabalhar (sabe Deus com que canseiras) para a sua sobrevivência diária».

Deus nos ajude a ser dignos dela pela utilização escrupulosa que lhe devemos.

Padre Carlos

Encontros

EM LISBOA

«Onde está o teu Irmão?»

Com um Verão cheio de obras e também de preocupações com a praia dos nossos, fez-me bem a deslocação a uma cidade algo distante. O tempo de que dispunha era muito apertado. Pediam-me que fosse ver a situação de um miúdo. Marquei encontro com a assistente social às 14 h de um domingo cheio de sol.

À hora marcada metemo-nos os dois pelos cantos da cidade. Ela foi guiando: «O miúdo, às vezes, dorme aqui. Quer ver? Outras, dorme ali. Vamos ver! Hoje, está noutra sítio. Já esta manhã percorri todo este caminho para saber onde estava. Pedi que não saísse de lá até nós chegarmos. Esperemos que assim aconteça».

Aconteceu. Lá estava o garoto. Lá estava o pai. Lá estava a miséria estampada no rosto, na desarrumação, na porcaria por todo o lado. Isto arrepiava. Faz tremer. O grito bíblico entra-nos até ao coração: «Onde está o teu irmão?»

Decidi dar uma oportunidade ao pequeno. Viria comigo, nesse dia, às 20 h. A assistente social disse imediatamente: «Não saiam daqui que eu venho ter convosco».

De regresso, fomos conversando sobre a cidade e os seus problemas. Conhecia bem todos os cantos e recantos. A cidade vivia no seu coração. Alegria quando encontrava soluções e quantas frustrações face aos casos que não conseguia ver encaminhados. Manifestou alegria por ver uma luz no fundo do túnel para esta situação. Desabafou com expressão serena da missão cumprida: «Valeu a pena interromper as férias, deixar a família e vir cá este fim-de-semana. Ver esta criança partir para longe desta miséria toda é uma boa recompensa».

Contraste

A pedido dela encontrá-me em nossas Casas oito miúdos. Fiquei de boca aberta porque se lembrava do nome de todos, das características deles e das dificuldades que apresentam, quer a nível da aprendizagem quer a nível da própria personalidade. Parecia que continuava a tratar com eles. De uma coisa estou certo: Não abordava as questões do ponto de vista burocrático, sentada à mesa da sua secretária, a preencher papéis e fazer perguntas. Ia e via e deixava-se habitar pelos problemas humanos.

Por esta mesma ocasião precisei de contactar a assistente social de um determinado Centro. Telefonei e pedi que ligassem. Ninguém pediu identificação e também não me apressei a dá-la; disse, apenas, que precisava de uma informação. Depois de algum tempo de espera veio esta resposta: «A sr. Dra diz que se quiser alguma coisa que venha cá». Voltei a insistir. A resposta continuou: «Venha cá expor o seu problema que deve ter muito tempo para isso».

São duas amostras de como se fazem as coisas. Gostaria que a segunda fosse desaparecendo. São pessoas que estão deslocadas no serviço dos Pobres. Não se deixam preencher com as suas dores e os seus gritos por justiça e

Abrigo Vicentino Padre Américo

Continuação da página 1

na igreja. Recordo outros a quem confiámos pequeninas ofertas para o pão. Recordo doentes acamados, sempre à espera de quem os visitasse.

Mesmo que fosse só para abrigar melhor as famílias que já lá habitavam, valia bem a pena o esforço e a despesa que se está a fazer. Mas a recuperação de todo o edifício será abrigo de muitas outras famílias e também para todos aqueles que, à noite, não têm lugar para se recolherem.

Fica tão bem aquela sala que há-de receber os nocturnos com pequenina cozinha para lhes servir uma sopa quente e uma caneca de leite! Ficam tão bem aqueles quartos com casa de banho a seguir à sala!

Ouvi dizer que as obras custarão para cima de trinta mil contos. É uma conta grande, mas para este fim é bem pequena.

CALVÁRIO

«Limão»

Desde pequeno, o «Limão» foi preparado para o sacrifício. Aos três anos de idade sofreu um acidente de viação ao colo da mãe, tendo esta falecido e ele ficado sem baço, parte dum pulmão e uma perna esmigalhada.

Vicissitudes da vida trouxeram-no até nós. Cresceu. Tornou-se responsável. Era mesmo o nosso encarregado da vacaria. E cumpria fielmente o seu dever.

Já na casa dos vinte, surge-lhe um linfoma. Era o princípio do fim. Em poucos meses o Senhor levou-o. E, certamente, porque o achou preparado. Morreu sorrindo. Deixou saudades a todos quantos o conheciam.

Padre Baptista



fraternidade. Talvez façam lindos discursos, mas estes são vazios. O serviço dos Pobres exige ir ao encontro e não criar barreiras. Exige dar a mão e não criar separadores a dividir. Costuma dizer-se que servir os Pobres é uma vocação. Pode-se fazer de uma vocação uma profissão ou de uma profissão uma vocação. Não se pode é fazer do serviço dos Pobres apenas um meio de ganhar dinheiro ou ganhar a vida. Os irmãos em necessidade exigem mais, merecem mais. Estou certo de que se muitos trabalhadores a nível do social fossem da ténpera daquela assistente social que tive a alegria de conhecer numa tarde de Verão,

os Pobres encontrariam mais e melhores soluções para os seus males.

Padre Manuel Cristóvão

CARTAS

«Através do Famoso colhemos lições de humanismo. Aceitam-se sugestões e corrigem-se erros. Assim sucedeu na 'Correspondência dos Leitores'».

O problema da habitação é de todos, entidades oficiais e particulares. Estes com as migalhas que podem dar; aquelas, com os grandes planos e meios financeiros. E tantos meios financeiros tão mal aplicados!

Assinante 31725

☆☆☆

«Anexo, à presente, um cheque para o que melhor entenderem. Peço para não indicarem o meu nome, mas, para efeitos do IRS, remetam a competente declaração quando for oportuno. O interesse desta declaração é bastante restrito, uma vez que o Fisco só considera a percentagem de 15% sobre o rendimento líquido. Ora, como quase todas as Obras que ajudamos não têm subsídios estatais, seria justo que essa percentagem fosse maior, uma vez que os nossos donativos suprem um dever que compete ao Estado. Não sei quais os critérios que presidiram ao estabelecimento de tão baixa percentagem, mas chego à conclusão lógica de que os meus rendimentos são baixos ou sou «demasiado generoso» e contra isso é que é necessário lutar... Não seria possível levantar o problema n'O GAIATO?»

Assinante 25768

Padre Horácio

África

MOÇAMBIQUE

Nunca ninguém esculpiu na cruz uma criança

ANDEI hoje, na cidade, à procura de um Cristo preto. Só o encontrei em tamanho pequeno, com feito de homem de barbas. Nunca ninguém se lembrou de pôr em pequena cruz um Cristo criança.

E há tanta gente que faz as crianças carregarem uma cruz grande toda a vida!

Há dias, um dos nossos foi a casa do pai buscar o registo de nascimento. Demorou três dias a regressar. Teve de acompanhar a madrastra a quem o pai, por causa da amante, cortou um braço com a catana. Há anos que o Rui Miguel andava pela cidade. Muita gente o conhece. Já passou por vários lugares de acolhimento e voltou sempre à Rua; daqui não sai. A cruz que tem carregado só aqui lhe foi aliviada.

Outro, prostrado com pneumonia, no chão... Alguém, condoído, deu um pão, outro bolachas. Não lhes tocou. Estava prostrado e não tinha cireneu. Se naquela hora não fosse internado no hospital, o Agostinho teria morrido. E não gosta de ir à cidade, tal a lembrança da cruz que carregou por ali.

Dois dos nossos mais pequeninos chegaram tristes, de cara fechada. Demorou vê-los sorrir e desabrochar para as traquinices da idade. Que cruz traziam...! Nem eles sabem dizer! Hoje, o Edson e o Benedito são dos nossos mais felizes.

Outro, ainda, com doze anos, vários internamentos por doenças venéreas: em nossa Casa há mais de meio ano, ficou na cidade cinco vezes e voltou pelo seu pé. Desta vez está a demorar. Que cruz grande carrega o Zacarias!

O Victor, que deixei aqui com cinco anos e nunca conheceu pai nem mãe, nem ninguém de família, que tentámos acolher novamente, passados dezassete anos, não se adaptou. Voltou ao mundo sozinho.

Nunca ninguém esculpiu na cruz uma criança, mas muitos o fazem sem dar conta. São pais e mães, é a fome e a guerra e este mundo desajustado para tantos que nascem e crescem fora do ambiente adequado da família.

Um Cristo esculpido na cruz inspira compaixão, compunção dos nossos pecados e é, além disso, certeza de Salvação.

Uma criança enquanto só tem a Rua por mãe, haveria, pelo menos, de nos inspirar arrependimento dos nossos exageros, conversão à rectidão de vida, partilha do nosso bem estar.

Se és filho de Deus, desce do teu bem estar, partilha o bem que há no teu coração com aqueles que só conhecem o mal. Redime a criança da Rua para saberes, de experiência feita, em Quem acreditas.

Olha a criança na cruz. Deixa de ver o Cristo tão inspirador de sentimentos, mas tão facilmente falseado na fé.

Padre José Maria

MALANJE

Reflectindo

Deve estar doente dos pulmões. Sangue pela boca e tosse... Conheci-o, ainda jovem, em 1964. Vive na sua cubata com os filhos. Só um trabalha e gasta mais do que ganha. A casa tem um aspecto triste e de abandono. As cabras entram e saem. Dois tachos negros, pouca roupa num pau e dois luandos-cama no chão térreo. Comida? Nem um indício!

Sem querer, nestes momentos, salto à Europa e nela revejo as toneladas de pão, géneros e fruta estragados. Superabundância, abarrotamento, superprodução!... Falta de fraternidade?

Não é bem. O difícil, vejo, é «o fazer chegar».

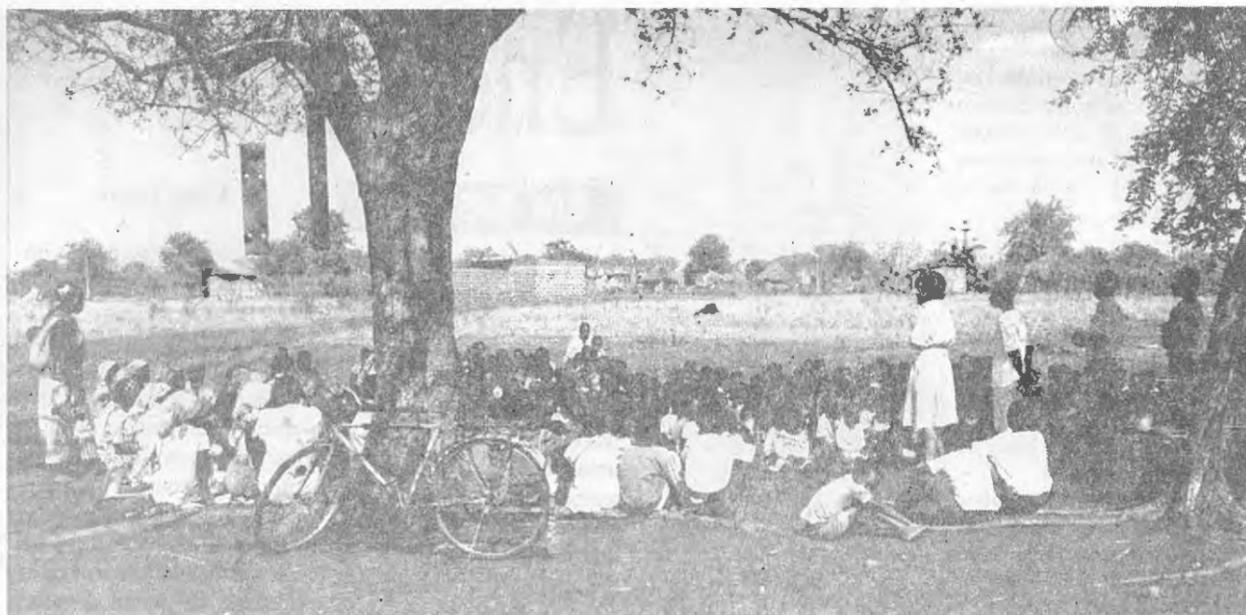
Se, ao lado das organizações cristãs, e outras, empenhadas com a fome, surgisse uma organização especializada no «fazer chegar»...

Está vivo, ainda, o sentir fraterno. É fácil angariar géneros e vestuário. Mas, somente, uma organização com alta capacidade e munida de tentáculos sensíveis e honestos seria capaz de os fazer chegar à boca dos verdadeiramente pobres.

Digo verdadeiramente pobres, e só isto, claro, porque as grandes carências têm a sua causa no abandono do trabalho, falta de leis que o dignifiquem e o exijam; também na míngua de apoios mais sérios e eficazes às técnicas agrícolas.

Ninguém pode negar que a maior parte dos povos se tem preocupado mais com o saque das regiões de África do que com o seu desenvolvimento e a formação das pessoas. Mais com o armamento do que com o equipamento agrícola e oficial.

Se tudo isto são raízes do mal, é, no entanto, dentro de



A «Escolinha», de Maputo (Moçambique), em dia de festa.

nós que devemos procurar as raízes mais profundas.

Convencer-nos, séria e íntimamente, que a estação de partida para a formação e desenvolvimento — somos nós próprios.

Cá dentro

Acabaram as férias e o Mário teve que ir.

Como aconteceu com o Quim e o Júlio da Silva, também a sua presença foi positiva em todos os aspectos:

Amor e dedicação à Obra num serviço da Obra.

Exemplo de trabalho e carinho pela Casa junto dos nossos gaiatos e amigos.

Claro incentivo (veja os frutos) para os rapazes que, aqui, a servem.

Sensação consoladora, também pelo apoio das Casas da Obra da Rua, de que não somos uma ilha isolada.

Cá longe, sentimos, talvez com mais nitidez, devido ao clima de insegurança e de falta de paz, que a Obra da Rua deve ser um todo no seu espírito, na sua harmonia, na intercomunhão e interajuda.

Padre Telmo

BENGUELA

Continuação da página 1

desejada, procurada, o grande escândalo que rouba a fina flor do humano — a solidariedade. Se visseis, se acreditásseis, mudaríeis os critérios do vosso viver. Estamos tão longe, mas queremos ver-vos pertinho de nós.

A Floriana, assim se chamava a mãe de 18 anos, não sabe do pai da filha; sobe os degraus das escadas e suplica um pouquinho de farinha de milho e mais comida para a sua bebé, esquecendo-se de si, há pouco saída do dispensário antituberculose. Sem um ar de revolta ou desassossego levou tudo o que precisava. Mas não lhe pode dar, ainda, a libertação total da miséria em que vive. É um símbolo! Quem ajuda?

Linha libertadora pelo trabalho

Nesta linha libertadora pelo trabalho andamos, de momento, séria e conscientemente empenhados. Enquanto abrimos os ramos para os tubos de canalização e dos esgotos e o canalizador, atrás, vai assentando os tubos, a ver se dentro de poucos dias a casa-mãe começa a funcionar, mais de duzentas pessoas comem o pão com o suor do seu trabalho. Pais e mães a trabalhar, ganham o comer para si e seus filhos.

Estes são, na altura, os nossos gaiatos. Duzentos! Como tem sido possível?

Estou preocupado. No fim do mês, ao fazer as contas, o ordenado só dá para a comida minimamente necessária. E o vestir e calçar? Se no primeiro passo há motivo de alegria porque não passamos fome, queremos decididamente ir mais além. Estamos a começar... Que tarefa apaixonante e exigente temos à nossa frente! E à vossa, também! Será que ainda podeis ficar sossegados e sossegadas?!

Reconstruir a solidariedade na comunidade

Um dos aspectos da missão da Obra da Rua em Angola, nesta hora, é ajudar a reconstruir a Solidariedade na comunidade. Foi profundamente ferida ao longo dos anos de guerra. Com tamanhos problemas individuais as pessoas não tinham espaço para pensar nos outros: Como arranjar comida? Medicamentos? Vestuário e calçado? Salve-se quem puder! Agora, com o advento da paz, é hora de tudo fazer para humanizar as relações entre as pessoas. A Casa do Gaiato há-de ser e é já um ponto de referência, graças a Deus.

Padre Manuel António

A venda d'O GAIATO no Centro do País

COMO já anunciámos, tivemos de suspender a venda d'O GAIATO nas cidades de Tomar, Leiria e Figueira da Foz. As aulas e a vida dos nossos rapazes foram a grande força desta nossa resolução. Têm chegado à nossa Redacção, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, muitos telefonemas e cartas a lamentar a ausência dos «nossos meninos». Têm chegado remessas de novos assinantes. Têm chegado muitos testemunhos de simpatia.

É natural que esta decisão vá fazer falta ao pão das Casas do Gaiato de Miranda do Corvo e Coimbra. Eram dois mil jornais que distribuíamos e cerca de cem contos que recebíamos todas as quinzenas. Eram os sacos de carne, de Tomar, e muitas encomendas que os vendedores traziam.

Estamos certos que não perdemos os Amigos. Com certeza que nenhum irá ficar sem O GAIATO. Todos farão a assinatura. Os jornais levaram impressos e pedimos também aos Párocos, das três cidades, para dizerem uma palavra e receberem novos assinantes. Esperamos que, depois, remetam os valores directamente à CASA DO GAIATO — 3220 MIRANDA DO CORVO. Confiamos que a anuidade da assinatura seja também motivo para visitarem e conhecerem a Casa do Gaiato que foi, e será, a Casa-Mãe.

• A venda d'O GAIATO, no Centro do País, continua a ser a fonte de maior receita para a vida da Casa do Gaiato. Até agora passávamos, todas as quinzenas, em média, dez a onze mil jornais e recebíamos cerca de quinhentos contos. Com o dinheiro vêm sempre outras ofertas, outras coisas.

A venda, na Beira Baixa, é uma grande prova de amor por nós. Os gaiatos são muito bem recebidos e chegam carregados de mimos. Naquela noite não se dorme. É sempre uma noite de vigília. É a venda da Beira.

Coimbra e arredores continuam a ser a nossa casa. São a nossa escola. São três dias, de quinze em quinze. Três dias de trabalho, mas, também, de muitas consolações. Temos de compensar a acção que deixámos de fazer nas três cidades referidas. Contamos com a colaboração de todos: dos nossos rapazes e daqueles que os hão-de receber. O pão de cada dia não nos pode faltar. Assim confiamos.

Padre Horácio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição, no mês de Setembro: 72.425 exemplares.